

**DA COLHER À BOCA:
OS DOIS SONETOS DE CALDAS BARBOSA REVELADOS POR TINHORÃO**

Francisco Topa

RESUMO

O artigo estuda dois sonetos do brasileiro Domingos Caldas Barbosa (1740-1800) dados a conhecer por José Ramos Tinhorão num livro de 2004. Apontando e corrigindo as falhas de leitura patenteadas nessa primeira publicação – e entretanto reproduzidas –, os autores propõem uma edição crítica dos dois poemas, acompanhada da sua interpretação literal. Mostram ainda que, ao contrário do que supôs Tinhorão, o manuscrito que transmite os sonetos não é autógrafo.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Caldas Barbosa. Crítica textual.

ABSTRACT

The article discusses two sonnets by the Brazilian author Domingos Caldas Barbosa (1740-1800) brought to the public's attention by José Ramos Tinhorão in a 2004 book. By pointing out and correcting the reading faults revealed in the first publication – which in the meantime were reproduced –, the authors propose a critical edition of the two poems together with its literal interpretation. It also shows that, contrary to what Tinhorão assumed, the manuscript which transmits the sonnets is not an autograph.

Keywords: Brazilian literature. Caldas Barbosa. Textual criticism.

Os arquivos portugueses continuam a oferecer aos investigadores da literatura brasileira do período colonial surpresas e descobertas interessantes, mesmo quando daí não resulta uma alteração significativa do quadro de leitura de um autor ou de uma obra. Foi o que aconteceu com José Ramos Tinhorão no decurso da sua pesquisa sobre Domingos Caldas Barbosa (1740-1800), base do volume que publicou em 2004. Revendo com minúcia e finura o perfil raro deste poeta mulato que se destacou pelo cruzar de fronteiras – da poesia culta para a popular, da literatura para a música e para as outras artes, da cultura portuguesa para a brasileira –, Tinhorão deu o passo que faltava para a valorização de Caldas Barbosa. Além disso, graças à sua longa experiência de pesquisador de fontes da música popular brasileira, identificou e deu a conhecer uma série de elementos novos.

Entre eles estão dois sonetos, reproduzidos, editados e comentados nas p. 165-173 do livro. Esses poemas figuram no Ms. 54-X-12 (47) da Biblioteca da Ajuda, nas f. 1v e 2r. Vejamos a reprodução do primeiro:

A. E. May & A. Senhor.

Versos

Poeta vulgarmente é um farroupilha
 Osga do afio: antipoda do estado
 D'um iludido Douro, procurado
 Acapa do vyti, da sopa amilha:
 Poeta de ser figura gualvilha
 Quem vos tem por Muey, sublimado
 Seu novo favor sempre elevado
 O nome o engrandece, e não o umilha:
 Eu era trovador, mas na verdade
 Outro me sinto já sendo o primeiro
 Indício de total felicidade:
 Pois que mais buscarei o Brasil
 Que por boca do Voz do Magistade
 Se tornou o Poeta no Vinheiro.

O Poeta

Domíngos de Aldeia Paroquia.

Bastará uma observação atenta da ortografia (*engrandeça*, *umilha*) e da pontuação (ou da falta dela) para se perceber que, ao contrário do que sustenta Tinhorão, o poema não pode ser autógrafo. Por outro lado, é estranha a sua classificação (“Versos”, em vez de “Soneto”), como é estranha a indicação de autoria ou assinatura, não só devido à grafia do nome, que, aliás, Tinhorão tem dificuldade em explicar (2004, p. 167-8), mas, sobretudo, devido ao título que o precede (“O Poeta”). Por último, se os sonetos fossem autógrafos, faltaria explicar um elemento não revelado pelo investigador: na última das páginas do manuscrito, f. 2v, vem uma glosa em décimas de redondilha maior atribuída a outro autor, identificado como “D.^{or} An.^{to} Felis”. Vejamos a reprodução:

Se tu podes passarinho
 com penas andar cantando
 Eu não posso ser assim
 Que d'iversas condições com penas ando chorando

O fado enervou formou
 Fez de penas ornou
 A mim de um as aflições
 Eu todo entregue ao peito em
 De amor eu lá no teu ninho
 La ti finto estas doridas
 Sem mais pena alguma ter
 E não posso assim viver
 Se tu podes passarinho

Se tu podes no letiro
 De deuto estar contente
 Eu só de mim bem contente
 Alegria anhem Espiro
 Por um sem elle suspiro
 Mil ays e mais exalando
 Eu estas alegre sabendo
 De tantas penas fingido
 Podes de penas vellido
 Com penas andar cantando

Andas cantando q' afora
 Na solidam exercida
 A si se deita a vida
 A mim me motiva amor
 Por um mais diverso no se
 Nos quia a si e assim;
 Eu obras sem confim
 Eu não vivo enamorado
 Eu sem amor deancado
 E não posso ser assim

Não posso q' quando
 no exco da finca
 faz q' na amante sempre
 seja a eterna amichia dos
 Não diminua o as dor
 O tempo acumulando
 apanhando ou gosando
 do tempo de espesura
 guardando a ta sempre para
 com penas ando chorando
 do D. João Félix.



O autor da glosa será talvez António Félix Mendes (1706-1790), professor de latim que poetou nessa língua e em português. Como a letra parece ser da mesma mão, a inclusão deste poema no manuscrito é mais um argumento a favor da ideia de que não estamos perante um autógrafo de Domingos Caldas Barbosa. Tudo parece, pois, indicar que se trata de uma cópia apógrafa, feita por um anónimo admirador dos dois poetas, em data desconhecida, mas certamente próxima do final de setecentos.

Feita esta primeira correção, passemos agora ao soneto do poeta brasileiro, que na edição de José Ramos Tinhorão apresenta quatro erros de transcrição¹⁷:

¹⁷ Entretanto reproduzidos noutros trabalhos (cf. SAWAYA, 2011).

– No v. 2, é *asseio*, e não *ofício*, que, aliás, não faria sentido. Discorrendo sobre as péssimas condições de vida do poeta, o sujeito está agora a referir-se à higiene e ao asseio;

– No v. 6, a leitura correta é *Mecenas*, em lugar da estranhíssima *Neunas*, que obrigou Tinhorão a uma explicação complicada e nada convincente. O sujeito afirma que quem recebe o apoio de D. José, quem o tem por mecenas, deixa de ser *figura peralvilha*, sendo este último termo, provavelmente, tomado numa aceção um pouco diferente do sentido corrente de ‘casquilho’ ou ‘peralta’;

– No v. 12, o verbo tem de estar no futuro (*buscará*), como o contexto já o indica de forma razoavelmente clara. Além disso, e este é o argumento definitivo, a métrica e a acentuação ficam erradas na leitura proposta por Tinhorão;

– No v. 14, a forma verbal é *tornado*, e não *chamado* (ou *xamado*). O sujeito exprime o seu contentamento pela mudança de estatuto: de Trovador para Poeta.

Para além das correções que resultam do que acaba de ser apontado, o soneto necessita de algumas vírgulas, que serão assinaladas por meio de parênteses retos. Ainda ao nível da pontuação, cremos que há vantagem na substituição dos dois pontos do v. 2 por uma simples vírgula, tanto mais que a métrica impõe uma elisão nessa passagem do verso. No final das três primeiras estrofes, entendemos que os dois pontos devem ser substituídos pelo sinal que hoje lhe corresponde, isto é, o ponto e vírgula. Por outro lado, a pergunta que encerra o poema deve traduzir-se nesse sinal e não no ponto final que figura no manuscrito. As restantes operações de atualização ortográfica são muito simples e, supomos, não levantarão objeção: uniformização da minúscula em início de verso (a menos que se trate de começo de frase); desenvolvimento das abreviaturas; introdução de acentos; supressão do apóstrofo em contrações (como *d’outros*); representação da semivogal anterior sob a forma de *i* (em vez de *y*); normalização do uso do *h* e das sibilantes.

O soneto passa então a apresentar-se do seguinte modo:

A El-Rei Nosso Senhor

Versos

Poeta vulgarmente é um farroupilha[,]
osga do asseio, antípoda do agrado[,]
duns iludido[,] doutros procurado,
a capa do vestir da sopa a pilha;

Passemos agora ao segundo soneto, que apresenta dois erros de transcrição na edição elaborada por José Ramos Tinhorão:

- No v. 3, é *estimável*, e não *estimada*, que aliás não faria sentido;
- No v. 10, a leitura correta é *chegastes* (*xegastes*), em lugar da estranhíssima *xegasteis*.

À semelhança do anterior, também este poema necessita de algumas vírgulas e de um ponto de exclamação, que serão assinalados por meio de parênteses retos. As restantes operações são idênticas ao que ficou dito atrás sobre o primeiro soneto.

A edição fica então do seguinte modo:

À Rainha e Nossa Senhora

Versos

A vossa Augusta Filha já cansada
lutava com a Parca enfurecida
que o áureo fio da estimável vida
pertendia quebrar fera e indignada;

5 já a Bela Heroína fatigada
parecia render-se amortecida[,]
porque o trabalho da terrível lida
por momento a deixava inanimada;

10 porém clamou por vós[,] Real Senhora[,]
chegastes a acudir-lhe e de repente
a Parca s'ausentou[,] ela melhora;

ah[!] Se vós podeis tanto e estais presente,
não tenho que temer jamais; agora
é crível que a desgraça se m'ausente.

o Poeta
Domingos de Caldas Barbosa

Amor e P. Senhora

Vozes
Vossa Alteza Filha já cansada
Lutava com a Parca enforcada
Que o amor fio de extenuada
Pierroia quebrar fura, e indignada:
A a Bela Hessina fatigada
Parcia lendária amortecida
Porque o trabalho da terrível lida
Por murente adixava inanimada:
Porém clama por vos Real Senhora
Regastes a acudis lá e de repente
A Parca sacurou ela melhora:
N. e vos nois tanto, e estais presente
Não tenho que temer jamais: agora
Fle crível que a Pierroia se m'acerte.

O Voto

(Domingo de Almeida Barbosa)

Ao contrário do que supõe Tinhorão, cremos que o soneto é dirigido à esposa do rei D. José, D. Mariana Vitória de Bourbon (*31-III-1718 †15-I-1781), e que toma por motivo um episódio ocorrido com a infanta D. Maria Francisca Doroteia, nascida a 21-IX-1739 e falecida a 14-I-1771. De acordo com Nuno Gonçalo Monteiro (2006, p. 221), a saúde desta infanta foi durante anos causa de preocupação da família. Ora, se admitirmos que este soneto foi escrito no mesmo espaço do anterior, talvez seja de admitir que na sua base tenha estado um regresso de D. Maria Vitória a Lisboa para se ocupar da saúde da filha. Levando em conta que esta D. Maria Francisca morre em 1771, o poema não poderá ser posterior, sendo provável que esta data valha também para o outro.

Quanto à arte poética, o soneto apresenta também o esquema rimático ABBA / ABBA / CDC / DCD. Ao nível da métrica, domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os v. 3 e 7.

Concluindo, resta-nos sublinhar o óbvio: não foi nosso objetivo pôr em causa o trabalho de José Ramos Tinhorão, louvável a muitos títulos, como já dissemos. Procurámos apenas melhorá-lo num aspeto pontual, evitando a propagação da falha. Esperamos com isto contrariar o provérbio que usámos no título.

REFERÊNCIAS

AA.VV. *Almanak das Musas, nova colleção de poezias*. Offerecida ao genio portuguez. Parte III. Lisboa: Offic. de João Antonio da Silva, Impreſſor de Sua Mageſtade, 1793.

CASTRO, João Baptista de. *Mappa de Portugal antigo, e moderno pelo Padre João Bautista de Castro, Beneficiado na Santa Basilica Patriarcal de Lisboa*. Tomo Primeiro. Parte I. e II. Nesta segunda edição revisto, e augmentado pelo seu mesmo author: e contém huma exacta descripção Geografica do Reino de Portugal com o que toca à sua Historia Secular, e Politica. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1762.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. *D. José*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. *Domingos Caldas Barbosa: o poeta da viola, da modinha e do lundu (1740-1800)*. São Paulo: Editora 34, 2004.

SAWAYA, Luiza. *Domingos Caldas Barbosa: para além da ‘Viola de Lereno’*. Dissertação de mestrado em Estudos Românicos. Lisboa: FLUL, 2011.